

## Projetos na área de Língua Portuguesa para estudantes do PROEJA

Maiquel Röhrig<sup>1</sup>

### 1 Introdução

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade com particularidades que a distinguem totalmente do ensino convencional com estudantes que frequentam as aulas dentro da faixa etária estabelecida pelos parâmetros internacionais. Os jovens e adultos matriculados, além de estarem fora da faixa etária recomendada, em geral estudam após um dia inteiro de trabalho, seja doméstico, seja assalariado. Ou, ainda, vivem em situações de vulnerabilidade social: desemprego, subemprego, pobreza, falta de estrutura familiar, violência etc.

Diante de uma realidade diferenciada, a metodologia do professor deve, da mesma forma, diferenciar-se. Contudo, os textos referentes ao programa de Educação de Jovens e Adultos fazem, em sua maioria, referência a práticas de alfabetização ou a metodologias utilizadas nos níveis mais elementares da educação. Mas essa modalidade de ensino também atende a cidadãos no Ensino Médio, os quais precisam de aulas específicas para aprenderem os conteúdos e desenvolverem as habilidades requeridas nesse nível de ensino.

Cada instituição tem um perfil de estudantes no PROEJA. Algumas atendem a alunos jovens, com pouco mais de dezoito e menos de trinta anos. Outras têm um público mais variado, com estudantes entre dezoito e oitenta anos. A maioria desses estudantes trabalha durante o dia e frequenta a escola à noite após uma jornada de oito horas que, somada ao tempo de deslocamento, normalmente em ônibus, passa das dez horas. Entre os mais idosos, há aposentados e donas de casa, os quais, ainda que não tenham trabalhado numa empresa, encontram-se cansados dos afazeres do lar ou em decorrência da idade, que lhes pesa à noite.

Segundo Santos & Arenhaldt (2010, p. 289), “a escola de hoje está muito aquém do que os alunos desta modalidade precisam. Não bastam propostas se não há disposição dos

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras. Professor do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – campus Bento Gonçalves.

professores reverem seus objetivos e se comprometerem com um trabalho que faça sentido na vida do aluno". Em vista disso, as quatro horas que esses adultos, alguns já idosos, passam na sala de aula, para serem efetivamente de aprendizagem, devem constituir-se como momentos diferenciados.

Esse diferencial não se enquadra em nenhuma fórmula, devendo ser construído com base na realidade de cada sala de aula. Ainda assim, é possível sinalizar alguns itens que podem fundamentar um trabalho com o público do PROEJA. A seguir, comento alguns desses itens e apresento projetos desenvolvidos com alunos dessa modalidade, o que pretendo apresentar com a humildade de quem tateia nesse complexo universo, e com a certeza de que todos os dias um novo desafio se coloca diante do educador cada vez que se depara com um público tão distinto e especial.

No primeiro encontro com os estudantes, tracei o perfil dos alunos. Fi-lo com uma conversa simples durante a apresentação de cada um. Após apresentar a mim e à disciplina, solicitei que os alunos falassem um pouco sobre si: nome, profissão, onde moram, quanto tempo estão sem estudar, porque retomaram os estudos, quais os objetivos para o futuro (na escola e na profissão). Dei uma atenção especial aos aposentados e donas de casa, ajudando-os a falar sobre sua motivação e seus objetivos. Algumas vezes, a motivação para o estudo é socializar-se, sair de casa, encontrar pessoas, ocupar o tempo. E isso não é ruim, devendo ser explorado de modo positivo pelo professor.

É natural que o professor tenha dificuldades para criar seu plano de trabalho no PROEJA, pois a lógica didática deve ser diferente daquela empregada com os alunos que frequentam aulas dentro da faixa etária adequada, caso contrário os alunos começam a faltar, reclamar e evadir-se dos cursos. Os adolescentes que estudam no Ensino Médio estão sob responsabilidade dos pais, e uma legislação específica os obriga a frequentar as aulas. No PROEJA, os próprios alunos são responsáveis por si mesmos, e nada os obriga a permanecer na escola, exceto sua vontade de estudar, seja por quais razões forem. Portanto, essa vontade de estudar é que deve ser estimulada.

Num primeiro momento, penso ser mais importante trabalhar a autoestima do aluno, deixando para mais tarde o trabalho com os conteúdos próprios de cada disciplina. Muitos estudantes chegam à escola com histórico de depressão, dependência química, problemas familiares, e mostram-se abalados emocionalmente com a carga de problemas

que pesa sobre eles.

A partir do perfil dos alunos, é mais fácil pensar planos de ação. Os exemplos de projetos apresentados neste relato foram realizados com os alunos do Ensino Médio de uma instituição federal de ensino. Todos os projetos procuram integrar variados conteúdos, como Língua Portuguesa, Matemática, Artes, Cultura Geral. Além disso, eles visam a ampliar a autoestima dos estudantes e integrar a turma, garantindo a socialização de todos.

Os conteúdos e objetivos estão pensados considerando o subcapítulo 3.2 da lei 10.172, de 2001, segundo o qual o ensino médio deve garantir o “domínio de aptidões básicas de linguagens, comunicação, abstração; habilidades para incorporar valores éticos de solidariedade, cooperação e respeito às individualidades”.

## **2 Concepção teórica**

A Educação de Jovens e Adultos tem relevância no Brasil devido ao grande número de pessoas que não completaram seus estudos na idade convencional. Porém, ela não se configura apenas como uma modalidade de ensino de conteúdos, tendo, também, um papel social no sentido de integrar os estudantes em um ambiente que, muitas vezes, é muito diferente daquele com o qual estão acostumados.

Os jovens e adultos desta modalidade são de classes sociais desfavorecidas, e não educá-los significa dar continuidade a um ciclo de exclusão que, diante de nosso fracasso com eles, possivelmente será perpetuado em seus filhos. Os pais devem ser escolarizados, além de muitos outros motivos, para saber tanto quanto seus filhos. A educação da criança depende da consciência dos pais de que esta é importante. Criar a cultura da importância do ensino formal e fazer com que os estudantes persistam e cheguem até o fim do Ensino Médio é o grande desafio que precisa ser vencido, e o educador deve ter a consciência de seu papel social. Segundo Pinto,

A educação de adultos não é uma parte complementar, *extraordinária* do esforço que a sociedade aplica em educação (supondo-se que o dever próprio da sociedade é educar a infância). É parte integrante desse esforço, parte essencial, que tem obrigatoriamente que ser executada paralelamente com a outra, pois do contrário esta última não terá o rendimento que dela se espera. Não é um esforço marginal, residual, de educação, mas um setor necessário do desempenho pedagógico geral, ao qual a comunidade se deve lançar (2010, p. 85).

O mesmo autor destaca o fato de que a educação deve ser para todos, pois a transformação da sociedade depende da força das massas, e não do trabalho intelectual de uma minoria “iluminada”. Para ele,

A educação de adultos visa a atuar sobre as massas para que estas, pela elevação de seu padrão de cultura, produzam representantes mais capacitados para influir socialmente. Seria atitude ingênua acreditar que basta instruir os elementos mais destacados, supondo que estes irão depois modificar a massa (2010, p. 86-87).

Paulo Freire (2011, p. 111-112), em livro que registra conversas com Horton, explica-nos que “nós temos primeiro que ter o conhecimento de como as pessoas sabem. [...] Significa, então entender a maneira como elas falam, sua sintaxe, sua semântica. E depois, em segundo lugar, temos que inventar, com as pessoas, meios pelos quais eles possam ir *além* de seu modo de pensar”. Essa ideia sinaliza a necessidade de trabalharmos a partir da realidade do aluno e de seus conhecimentos prévios, pois, para esse público, talvez mais do que para qualquer outro, relacionar o que se ensina com a vida deles ou com a realidade que eles conhecem faz os conteúdos adquirirem sentido e, além disso, cria uma relação de empatia entre alunos e professor.

Trabalhar considerando a realidade dos alunos, mais do que uma escolha metodológica, é cumprir a lei. E, de acordo com o *Documento Base* do PROEJA,

Utilizando os conhecimentos dos alunos, construídos em suas vivências dentro e fora da escola e em diferentes situações de vida, pode-se desenvolver uma prática conectada com situações singulares, visando conduzi-los, progressivamente, a situações de aprendizagem que exigirão reflexões cada vez mais complexas e diferenciadas (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007, p. 39)

Conforme Freire & Horton, a educação em que os estudantes são sujeitos ativos do processo de ensino-aprendizagem extrapola os limites da sala de aula. Para eles,

Quanto mais as pessoas participarem do processo de sua própria educação, maior será sua participação no processo de definir que tipo de produção produzir, e para que e por que, e maior será também sua participação no seu próprio desenvolvimento. Quanto mais as pessoas se tornarem elas mesmas, melhor será a democracia. Quanto menos perguntarmos às pessoas o que desejam e a respeito de suas expectativas, menor será a democracia (FREIRE; HORTON, 2011, p. 149).

De forma ainda mais precisa,

A questão não é vir para a sala de aula e fazer lindos discursos analisando, por exemplo, a autoridade política do país, e sim como aproveitar a leitura da realidade que as pessoas já estão fazendo, a fim de fazer com que seja possível para os alunos chegarem a uma leitura diferente e muito *mais profunda* da realidade (*id.*, p. 159).

Nesse sentido, é importante destacar que os alunos devem sair diferentes da escola em relação a como eles entraram. As aulas precisam acrescentar algo, e não ficar presas apenas à reprodução do já visto e já vivido. O ponto de partida é o que o aluno sabe, mas o ponto de chegada é a compreensão mais profunda de sua realidade.

### 3 Avaliação do trabalho dos alunos

A avaliação costuma ser uma dificuldade para todos os professores, e, no caso dos professores do PROEJA, creio que o problema é ainda mais complexo. Em muitas situações, vemo-nos diante de paradoxos, pois, de um lado nossa formação exige que estabeleçamos padrões racionais de avaliação, mas, por outro lado, a realidade de nossos estudantes não se encaixa à racionalidade que idealizamos. Nesse sentido, penso que a ideia de Demo (2010, p. 79) deva ser considerada. Segundo ele, a “avaliação deveria voltar-se, entre outras coisas, para o combate acirrado contra o fracasso escolar”.

O estudante do PROEJA precisa que o professor esteja atento a isso, e que lute contra seu fracasso. Fazê-lo evoluir, e evoluir significativamente em termos de aprendizado e leitura de mundo é a meta que deve superar quaisquer outras. Ainda segundo Demo (*id.*, p. 73-74), “O foco da avaliação precisa ser retirado da prova e de outras querelas que giram em torno da prova, como nota, para centrar-se no desafio da aprendizagem reconstrutiva política e aí servir de apoio sistemático. Avalia-se para garantir o direito de aprender”.

Desta forma, a avaliação não deve ser deixada de lado. Ao contrário, conforme Demo (*id.*, p. 80), “Para cuidar da aprendizagem, é preciso avaliar sempre, como rotina escolar”.

Segundo Perrenoud,

Ninguém fica indiferente ao julgamento de seus conhecimentos ou competências. O primeiro movimento de cada um é o de tentar mostrar suas qualidades, portanto, é o *de se defender* contra a manifestação de suas lacunas e de seus limites. Quem avalia sente-se honrado, em

contrapartida, por não se deixar enganar, por razões muito honrosas e outras mais confusas. Portanto, é normal que todo relatório de avaliação tenha uma dimensão conflitual e se pareça, em parte, com o jogo de gato e rato (1999, p. 165).

A avaliação deve ser uma ferramenta mediadora capaz de diagnosticar as lacunas no aprendizado dos alunos e, a partir daí, resolvê-las. Não se trata apenas de dar uma nota, mas de acompanhar o desenvolvimento das atividades para garantir que todos aprendam. Conforme Hoffmann (2009, p. 50), “Mediação é aproximação, diálogo, acompanhamento do jeito de ser e aprender de cada educando, dando-lhe a mão, com rigor e afeto, para ajudá-lo a prosseguir sempre, tendo ele a opção de escolha de rumos em sua trajetória de conhecimento”.

Na mesma linha, Méndez explica que

avaliamos para conhecer, com o objetivo fundamental de assegurar o progresso formativo dos que participam do processo educativo – principal e imediatamente de quem aprende, bem como de quem ensina. Nesse processo dialético, a avaliação transforma-se em atividade contínua de conhecimento (2002, p. 82-83).

Deixar espaço para que os estudantes reflitam sobre seu trabalho e o avaliem também é produtivo. Contudo, é necessário orientá-los, pois

Um processo de autoavaliação só tem significado enquanto reflexão do educando, tomada de consciência individual sobre suas aprendizagens e condutas cotidianas, de forma natural e espontânea como aspecto intrínseco ao seu desenvolvimento, e para ampliar o âmbito de suas possibilidades iniciais, favorecendo a sua superação em termos intelectuais (HOFFMANN, 2009, p. 52).

Grosso modo, não são estas as sistemáticas prevalentes no cotidiano escolar. Em geral, a avaliação tem o objetivo de aferir uma nota, e nada mais. O professor aplica uma prova escrita, com questões dissertativas e/ou de múltipla escolha sobre os conteúdos estudados e deixa que os alunos, individualmente, respondam. Quando muito, ao entregar a avaliação, o professor comenta as questões e revisa os conteúdos. Desse modo, toda a avaliação concentra-se em um momento específico e solitário, deixando de lado todo o processo de ensino-aprendizagem.

## 4 Projetos desenvolvidos

Os projetos abaixo estão descritos do modo como aconteceram. O planejamento inicial de todos eles foi sendo adaptado ao longo dos trabalhos, considerando o modo como os alunos reagiam às atividades. A essência do que foi pensado se manteve, mas detalhes importantes foram acrescentados ou modificados. E essas alterações ao longo do caminho são normais e recomendadas. Nenhum dos projetos me satisfaz plenamente. Em todos aconteceram situações que eu gostaria de ter encaminhado de modo mais eficiente. E sei que, da próxima vez que eu os realizar, cada um desses projetos terá peculiaridades imprevistas, êxitos e fracassos diferentes.

A gente sempre falha em alguma coisa, e acerta em outras. Espero que os educadores possam utilizar algumas dessas ideias e viver experiências significativas como as que eu vivi.

### 4.1 Empreendedorismo

**Público:** Terceiro ano do Ensino Médio na modalidade de educação de jovens e adultos.

**Objetivos:** Despertar o espírito empreendedor, mostrar que não é impossível ter seu próprio negócio, apresentar os diferentes tipos de serviços que podem ser oferecidos à comunidade, desenvolver produto, criar plano de negócios, calcular custos e lucros.

**Descrição:** Este projeto surgiu a partir da constatação das dificuldades financeiras dos alunos, decorrentes de seus baixos salários, e, paradoxalmente, da qualidade dos produtos que estes mesmos alunos sabiam fazer. Em uma aula, eles trouxeram guloseimas preparadas para uma festinha de aniversário. Surpreendeu-me a qualidade dos salgados e doces, e perguntei quais deles, ou, mais precisamente, quais delas (a turma era composta por dezoito mulheres) vendiam esses produtos. A resposta foi que apenas duas cozinham para vender. A partir daí, desenvolvi uma série de atividades para sensibilizá-las quanto ao empreendedorismo.

Primeiramente trabalhei para convencê-las de que não era impossível empreender. Houve muita resistência, pois pensavam que precisariam de muito dinheiro para iniciar. Mas, com alguns vídeos e conversas com exemplos de empreendedores, elas começaram a ver com bons olhos a ideia. Então, pedi que escrevessem sobre os produtos que gostavam

de preparar.

Solicitei que anotassem os ingredientes, as quantidades e pesquisassem os preços, a fim de criar um plano de custos. Traçamos o perfil dos possíveis consumidores, verificamos o tipo de embalagem apropriado e o modo como o produto seria vendido: pronto, congelado, vendido na casa da fabricante ou entregue em domicílio. Diante de algumas situações específicas, como a falta de um forno para assar cucas, por exemplo, sugeri que elas se associassem ou criassem uma pequena cooperativa, aproveitando os recursos que cada uma tinha e unindo forças. Com isso, a turma se dividiu em grupos, considerando que cada um seria uma microempresa ou cooperativa.

Anotamos tudo isso em uma ficha e fizemos projeções de venda, calculando expectativas de custos e lucros, simulando o funcionamento da microempresa ou cooperativa.

A estratégia pode ser usada para aqueles que, ao invés de venderem um produto, desejam oferecer um serviço: mecânico, eletricitista, encanador, jardineiro, diarista etc. Nas empresas, também deve haver aquele responsável pelas vendas, além dos que fabricam os produtos.

Conteúdos trabalhados: planejamento, desenvolvimento de produtos, plano de custos, cálculos de custos e lucros. Em termos linguísticos, trabalhamos descrição (dos produtos que pretendiam desenvolver) e narração, ambas na dimensão oral e escrita.

Resultados esperados: Efetivação de uma microempresa ou cooperativa, melhorar gerenciamento caso alguém já tenha um pequeno negócio, calcular despesas e lucros, projetar investimentos e ganhos e desenvolver plano de negócios.

Avaliação: Nem sempre conseguiremos fazer os alunos criarem efetivamente uma fonte de renda a partir desse trabalho. Mas avaliei seu comprometimento em tentar imaginar o funcionamento de uma microempresa ou cooperativa, verificando sua capacidade de planejar, organizar e projetar os gastos e lucros.

Um resultado que chamou minha atenção: Duas alunas, que tinham microempresas produtoras de lanches, relataram ter melhorado suas estratégias de venda e, com o plano de negócios e a lista de custos, conseguido diminuir seus gastos e aumentar seus lucros, bem como incrementaram suas vendas ampliando seu público-alvo.

#### 4.2 Meu presente e meu futuro

**Público:** Todos os anos do Ensino Médio na modalidade de educação de jovens e adultos.

**Objetivos:** Trabalhar o que são e o que querem ser para estimular perspectiva de futuro.

**Descrição:** Conversei com os alunos informalmente, num círculo. Pedi para contarem como foi o ensino no nível fundamental, e para descreverem as condições da escola e o modo como chegavam até ela. Além disso, solicitei que falassem sobre o trabalho que realizavam, onde moravam e qual sua rotina diária de atividades. Depois, perguntei o que faziam para se divertir e quais atividades de lazer eles desenvolviam nos finais de semana.

Em outra aula, levei um texto sobre como o passado interfere na nossa percepção do presente e nas nossas metas para o futuro. A sugestão é um texto curto e acessível disponível no site da Natura<sup>2</sup>. A partir desse texto foi possível discutir o grau de invenção que imprimimos nas nossas lembranças, e o quanto nós mesmos somos um produto de nossa vontade, tanto quanto de nossas experiências reais. A importância de projetar e planejar o futuro foi enfatizada. Depois de ler o texto coletivamente e comentar cada parágrafo, entreguei algumas perguntas de interpretação de texto.

Na aula seguinte, retomei a discussão da aula anterior e corriji as questões. Depois, estimulei os alunos a contar oralmente algo que lhes aconteceu no passado e que eles consideravam como sendo um ponto marcante na formação de sua identidade (é preciso pedir que, antes de falarem, eles parem por um minuto e pensem no que aconteceu que os marcou profundamente).

Solicitei que os alunos trouxessem fotos tiradas na infância para que as compartilhem, fazendo um círculo e passando-as. Uma ideia é reunir as fotos e embaralhá-las, depois entregá-las e solicitar que os alunos tentem adivinhar quem é o colega de cada fotografia. Essa atividade estimulou a socialização e rendeu momentos divertidos.

Uma produção de texto foi feita após a explanação oral de histórias. Escrevi as orientações no quadro, solicitando um texto narrativo contando uma história relevante que tenha acontecido no passado dos alunos, preferencialmente na infância, antes dos doze

---

<sup>2</sup> <http://www.natura.com.br/editorial/bem-estar/corpo-e-saude/viva-presente-tododia>.

anos de idade. Estimulei o desenvolvimento detalhado da história, explicando que ela devia ser escrita como se seria publicada e lida por qualquer pessoa. Depois de os alunos concluírem a primeira versão, orientei-os para revisarem o texto perguntando-se se qualquer pessoa seria capaz de compreendê-lo, estimulando-os a pensarem se não esqueceram de explicar algo ou se alguma parte poderia ser melhor desenvolvida.

Li os textos em casa e sugeri melhorias, deixando que os alunos, na aula seguinte, trabalhassem com base em minhas orientações e reescrevessem o texto.

O texto em que os alunos projetaram objetivos futuros foi conduzido de forma semelhante. O diálogo anterior à produção foi conduzido com cuidado, e intervim nos casos em que os alunos tiveram dificuldade para elaborar, de modo objetivo, o que pretendiam fazer nos próximos anos e como pretendiam alcançar esses objetivos. Estimulei que projetassem o futuro considerando três dimensões: intelectual, profissional, pessoal. Isso significou perguntar-lhes, por exemplo: 1 – Daqui a dez anos, você pretende ter apenas concluído o Ensino Médio, ou espera ter um diploma de algum curso específico? (A partir dessa pergunta, fi-los perceber as oportunidades de estudo referentes à profissão de cada um, explicando-lhes as perspectivas de cursos de extensão, profissionalização, técnicos, tecnólogos e superiores.) 2 – Daqui a dez anos, em que você pretende trabalhar? Qual cargo, dentro da empresa, você pretende ocupar? (Pedi que pensassem como alcançar suas metas. Em relação aos alunos aposentados e às donas de casa, estimulei-os a pensar em atividades que podem desenvolver além daquelas comuns de varrer, lavar e cozinhar: foquei no lazer, divulgando atividades oferecidas na cidade, como ginástica, dança etc.). 3 – Daqui a dez anos, o que você sonha para sua casa, para você e para sua família? (Auxiliei os alunos a traçarem metas: reformar a casa ou comprar a casa própria, encontrar um amor, conceber um filho, fazer ginástica, emagrecer etc.)

A escrita desse segundo texto seguiu as etapas do anterior: escrita, leitura do professor e inclusão de sugestões, reescrita do aluno.

Depois que os dois textos estiverem concluídos, caso a escola dispor de laboratório de informática, o professor pode levar os alunos para digitarem-no. Essa tarefa precisa da supervisão, orientação e paciência do professor. Caso isso não seja possível, os textos manuscritos podem ser suficientes para a próxima etapa: expor o trabalho dos alunos na escola.

Uma forma de fazê-lo é afixando-os pelos corredores. Para valorizar o trabalho, no caso de os textos serem digitados, pode-se imprimir em folhas coloridas, e, no caso dos textos manuscritos, ou o professor solicita que eles sejam passados a limpo em folhas coloridas, ou pode colá-los em cartolinas. A exposição é importante para que o trabalho seja efetivamente valorizado.

Além dos textos, a exposição pode ser enriquecida com colagens contendo elementos alusivos ao passado dos alunos e às projeções de futuro por eles criadas. Colorir os textos e incrementá-los criativamente é importante para embelezar a exposição.

Conteúdos trabalhados: Interpretação de texto. Descrição e narração. Produção de textos narrativos com elementos descritivos e memorialísticos, bem como com projeção de futuro.

Resultados esperados: Espera-se que os alunos: 1) compreendam os textos lidos e consigam responder corretamente às questões propostas; 2) consigam lembrar eventos que os marcaram e refletir sobre eles; 3) narrem uma história e descrevam o local onde ela ocorreu seguindo as orientações do professor; 4) projetem situações futuras pensando o que esperam em relação ao estudo, ao trabalho e a sua vida pessoal.

Avaliação: Os critérios de avaliação devem ser apresentados aos alunos após a explicação da proposta. É importante que eles comecem o trabalho sabendo como serão avaliados. Sugere-se que a avaliação contemple as seguintes etapas: participação nos diálogos, realização das questões de interpretação de textos, cumprimento dos prazos, qualidade do texto e evolução (considerando que sempre se deve dar a oportunidade para o aluno refazer sua produção textual), exposição do texto (criatividade nas colagens, ajuda na afixação do material pela escola), autoavaliação (que deve ser feita coletivamente, negociando oralmente com cada aluno, fazendo-os justificarem sua nota. O professor pode permitir a intervenção de outros colegas, bem como ponderar e argumentar no intuito de garantir que a nota seja atribuída de forma justa).

Um resultado que chamou minha atenção: Durante a atividade a interação dos alunos foi boa, e a surpresa que tiveram ao ver seus textos digitados foi gratificante. Uma delas disse que sentia-se uma escritora, porque, ao ver o texto impresso, percebeu a qualidade do conteúdo que ela e os colegas foram capazes de produzir.

#### 4.3 Meus anos de estudo

**Público:** Terceiro ano do Ensino Médio na modalidade de educação de jovens e adultos

**Objetivos:** Desenvolver a leitura. Trabalhar o gênero textual “memórias”. Mostrar aos alunos a importância do resgate do passado. Aumentar a autoestima por meio do manuseio e leitura dos textos dos colegas e da exposição destes para os alunos de outras turmas.

**Descrição:** Antes de qualquer projeto com os alunos do PROEJA, é importante conversar sobre o assunto que será abordado de modo informal, sem revelar que na sequência ocorrerão atividades relacionadas. Isso porque, ao saberem que serão cobrados de alguma forma, alguns resistem e não se expressam livremente. Uma relação amistosa e franca com eles é fundamental para o sucesso de qualquer atividade, principalmente se o professor conduzir o projeto de modo que os alunos percebam sua efetiva participação em todas as etapas que, contudo, devem parecer-lhes como que surgidas naturalmente. Explico-me: é melhor que os alunos embarquem no projeto sem perceber que se trata de um exercício complexo, planejado meticulosamente e com objetivos prévios. Se eles acharem que as coisas estão simplesmente acontecendo, como se fossem “de improviso”, se sentirão mais à vontade.

Depois de uma conversa sobre o que cada um lembra do seu tempo de escola (como era a estrutura da escola, os professores, os colegas, o que aprendiam, do que brincavam, o que foi marcante), o professor pode levar narrativas de escritores que relatem algo marcante que aconteceu na escola. Prefira narrativas curtas, com no máximo uma página.

É interessante trabalhar esses textos, conversando sobre eles e anotando no quadro questões de interpretação para os alunos responderem no caderno. As respostas devem ser corrigidas coletivamente e eventuais dúvidas respondidas.

Há diversos vídeos disponíveis na internet com entrevistas de escritores e outros artistas contando sua infância e suas experiências na escola. Mostrar alguma dessas entrevistas, selecionando uma personalidade que os alunos apreciam, é uma boa ferramenta para possibilitar uma roda de histórias, em que alguns alunos podem responder a uma entrevista do professor sobre o mesmo tema.

Fotos do tempo de escola dos alunos costumam render momentos divertidos.

Depois das conversas, da leitura e do vídeo, comentei com os alunos as

características do gênero textual memórias pessoais. Expliquei que se trata de narrativas que apresentam as experiências pessoais de alguém que compõe o seu texto contando uma história e misturando a ela a descrição dos ambientes e das pessoas mencionadas. Retomei os textos trabalhados e apontei as características que os fazem pertencentes ao gênero estudado.

Propus aos alunos um desafio: escrever um texto relatando sua vivência na escola, destacando uma experiência marcante. Expliquei o que isso significa: a ideia era destacar algo que tenha sido relevante para a vida de cada um, uma situação que seja uma lembrança impactante, positiva ou negativa, e que teve um significado especial como constituinte da subjetividade do aluno.

A exposição dos textos foi pensada de modo a valorizar o máximo possível o trabalho. Digitei os textos e levei-os impressos em folhas coloridas, sem o nome do autor. Entreguei os textos aleatoriamente, com os alunos organizados em círculo, deixando que eles lessem e passassem os textos, para que, eles próprios, descobrissem que eram os textos dos colegas.

Quando se depararam com o texto impresso, em uma folha bonita, com letra grande e caprichada, a percepção do trabalho muda e eles perceberam o valor de suas histórias. Entenderam que o conteúdo era cheio de significado, e que eram capazes de escrever narrativas realmente interessantes.

Durante a digitação, corriji erros de ortografia e de pontuação, e, após deixar que eles lessem as histórias dos colegas, comentei que mesmo os escritores profissionais contam com revisores para corrigir erros.

Pedi então que os alunos assinassem seu texto. Depois, colei-os em cartolinas e expu-los nos corredores e no *hall* de entrada da escola. Para incrementar, colei fotos que alguns alunos trouxeram do seu tempo de escola.

Conteúdos trabalhados: Leitura e interpretação de textos memorialísticos; interpretação de vídeo; linguagem oral; produção de texto memorialístico.

Resultados esperados: Aperfeiçoamento da leitura, da interpretação de textos e da produção de textos; aumento da autoestima dos alunos.

Avaliação: Participação nas atividades, produção do texto, questões de interpretação de textos.

Um resultado que chamou minha atenção: Fiquei impressionado com a história de uma das alunas que cursou parte do ensino fundamental na década de oitenta. Durante sua alfabetização, a professora atava sua mão esquerda às costas para impedir que ela a utilizasse para escrever. O preconceito contra os canhotos é medieval, e existiu no Brasil até o início do século XX. O curioso é que, na década de oitenta, práticas grotescas como essas ainda existiam em recantos do país.

#### 4.4 Receitas criativas

**Público:** Primeiro ano do Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

**Objetivos:** Projetar futuro; planejar os próximos anos de estudo; compreender o gênero textual receitas; elaborar receita criativa.

**Descrição:** O trabalho com receitas criativas rende muitas possibilidades. Depois de trabalhar com receitas tradicionais, leve textos com receitas originais que não sejam de alimentos: receita para um mundo melhor, receita de felicidade etc., as quais são facilmente encontradas na internet.

Perguntei aos alunos o que mais pode virar receita, e estimulei-os a expor suas ideias. Fiz perguntas específicas para auxiliá-los: vocês não acham que há muita corrupção entre os brasileiros? Levei-os a entender que daria para fazer uma receita para acabar com a corrupção. Perguntei sobre os problema da região: pobreza, enchentes, doenças, mosquitos etc. Depois, estimulei-os a pensar em uma receita para resolver o problema, ou para alcançar algo que eles queriam muito: felicidade, saúde, trabalho, riqueza etc.

Estimulei os alunos a fazerem também uma receita deles mesmos. Esta receita é um dos trabalhos que foram expostos, acompanhado de uma fotografia de cada aluno, tal como algumas receitas apresentam a imagem do prato detalhado.

Outra alternativa é uma receita de sucesso, que cada um deve escrever considerando o que pensa que seja sucesso em sua vida. Converse com eles sobre essa questão, leve textos sobre o assunto, apresente algum vídeo e oriente-os no sentido de escreverem o que significa sucesso considerando a escola, o trabalho e a vida pessoal.

Expus as receitas pela escola, solicitando a ajuda dos alunos para fazer isso de modo criativo. Neste momento, permiti-me liberdades, não me prendendo a ideias fixas, como,

por exemplo, os cartazes afixados em paredes, conforme sugerido nas outras atividades deste relato. Se os alunos e você acharem essa uma boa ideia, usem-na. Se não, pensem juntos em outra alternativa.

Conteúdos trabalhados: Leitura e interpretação de textos no gênero textual receita (o que implica o trabalho com verbos específicos); escrita de receita criativa; conceito de sucesso.

Resultados esperados: Espera-se que os alunos ampliem seu vocabulário, projetem e planejem seu futuro para os próximos anos, no mínimo os três anos do Ensino Médio, desenvolvam sua criatividade, compreendam os textos lidos, interajam com os colegas.

Avaliação: Participação nas atividades, realização das receitas, desenvolvimento dos textos e adequação ao gênero e à proposta, criatividade.

Um resultado que chamou minha atenção: A criatividade dos alunos é grande. Às vezes subestimamos os alunos do PROEJA, pensando que não são capazes. Olhamos para erros de ortografia, acentuação e pontuação e não nos damos conta do que há nos conteúdos de suas produções, conteúdos estes que, muitas vezes, têm muito potencial para nos surpreender positivamente.

#### 4.5 Quem sou e o que faço

Público: Alunos de qualquer ano da modalidade de Educação de Jovens e Adultos

Objetivos: Melhorar a autoestima; estimular a percepção de que o que somos nem sempre tem relação com o local onde trabalhamos; trabalhar a diferença entre o ser e o fazer.

Descrição: Este projeto é voltado para turmas com alunos que se sentem desestimulados pelo trabalho que realizam. Muitos alunos do PROEJA não buscam estudar para ascender no trabalho que ocupam, mas encontrar um trabalho diferente, pois não se sentem confortáveis onde trabalham.

A ideia é mostrar a eles que o trabalho é, para muitas pessoas, um meio para viver, não se constituindo como um componente de sua identidade. Com isso, a pretensão é desvincular o trabalho da pessoa, e melhorar a autoestima através da percepção de que o trabalho é passageiro e está ligado à aparência, enquanto a personalidade de cada um tem elementos perenes que compõem sua essência.

Conversei com os alunos e levei textos para reflexão. Discuti os textos e propus questões de interpretação. Corrigi as questões e discuti as respostas.

Depois, pedi que os alunos recortassem imagens associadas ao que são (beleza, simpatia, esforço, vitória etc.) e outras associadas ao que fazem (rótulos de produtos com os quais trabalham também podem ser utilizados).

Orientei-os para organizarem as imagens e colarem-nas em duas folhas de ofício, separando-as. Pedi que, para cada folha, criassem uma frase curta que ilustrasse o que eram e o que faziam.

Solicitei que apresentassem o trabalho para a turma, e entrevistei-os. Permiti que os colegas também questionassem cada um dos colegas.

Para finalizar, solicitei que escrevessem um pequeno texto relatando a atividade e explicando o que entenderam sobre a diferença entre o ser e o fazer. Li os textos e verifiquei o nível de compreensão de cada um, explicando novamente e solicitei que modificassem ou complementassem o que escreveram.

Conteúdos trabalhados: Autoconhecimento, diferença entre o ser e o fazer, diferença entre aparência e essência, interpretação de textos.

Resultados esperados: Espera-se que os alunos ampliem a consciência sobre si mesmos e a diferença entre o que são e em que trabalham, aumentando sua autoestima. Além disso, ao compreenderem seu trabalho como algo passageiro, deseja-se que eles projetem uma mudança em suas vidas, pensando o que podem fazer que os realize como pessoas.

Avaliação: Participação nas atividades; realização do trabalho de colagens; elaboração do relatório e da reflexão sobre a atividade.

Um resultado que chamou minha atenção: A percepção que os alunos têm sobre o trabalho que realizam é muito variada. As donas de casa, por exemplo, ora lamentam não terem um emprego formal, com salário, ora orgulham-se de serem responsáveis pela educação dos filhos. Os homens, por sua vez, oscilam entre o desejo de serem promovidos para se livrarem de um posto indesejado e a vontade de abandonarem completamente a profissão e se aventurarem em um novo ramo.

## 5 Considerações finais

A educação de jovens e adultos é uma alavanca estratégica para o desenvolvimento do país, pois através dela minimizamos o prejuízo social causado pela evasão de alunos nas “idades certas”, e damos aos cidadãos condições de compreender conteúdos fundamentais de nossa cultura.

Esta modalidade de ensino contém um apelo social muito grande, e depende de todos encontrar alternativas para estimular estes estudantes a chegarem ao final de seus estudos dominando conteúdos e competências sem as quais a cidadania não se concretiza.

O presente relato é uma tímida tentativa de contribuir para o desenvolvimento de atividades que se mostrem prazerosas e eficientes, e que, além de conteúdos, aumentem a autoestima daqueles que, mais do que ensino, procuram na escola uma oportunidade de vida.

Considerando os resultados positivos que colhi nesses projetos, em oposição aos fracassos que sofri quando ministrei aulas tradicionais, penso que, para o público do PROEJA, trabalhar com projetos seja a via mais recomendada para promover a ampliação dos conhecimentos dos alunos.

Cada turma tem suas especificidades, e há aquelas que apresentam características totalmente diferentes destas em que apliquei estes trabalhos. No entanto, independentemente das diferenças, algumas semelhanças se impõem no trabalho com alunos de PROEJA: aulas noturnas, alunos adultos, alunos com dificuldades de aprendizagem (por diversos motivos), além de uma atmosfera de certa desmotivação com aspectos abstratos do conhecimento.

Estes alunos procuram a escola por motivos práticos, e é neste sentido que os professores devem adaptar suas aulas. A tarefa é difícil, dificílima talvez. Mas, se olharmos para os estudantes que estão à nossa frente pensando no potencial que podemos desenvolver, ao invés de concentrarmos nossa atenção às dificuldades que eles apresentam, poderemos, sim, transformar a educação de jovens e adultos na alavanca estratégica que ela pode ser para o desenvolvimento do Brasil.

## REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. *Ser professor é cuidar que o aluno aprenda*. 7ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. *O caminho se faz caminhando*: Conversas sobre educação e mudança social. 6ª ed. Tradução de Vera Lúcia Mello Josceline. RJ: Vozes, 2011.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliar para promover*: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação: 2009.

LEI 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/l10172.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm). Acesso em 12/03/2014.

MÉNDEZ, J. M. Álvarez. *Avaliar para conhecer, examinar para excluir*. Tradução de Magda Schwartzaupt Chaves. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. *Documento Base – Ensino Fundamental*. Brasília, 2007.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação*: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto alegre: Artmed, 1999.

PINTO, Álvaro Vieira. *Sete lições sobre educação de adultos*. 16ª ed. SP: Cortez, 2010.

SANTOS, Ricardo Pampim dos; ARENHALDT, Rafael. Passado. Presente... Futuro? Trajetória de vida de alunos. In: *Cadernos PROEJA*, nº 11. Refletindo sobre o PROEJA: produções de Porto Alegre. Pelotas: Editora da UFPEL. 2010.